

Seminário de Estudos Medievais: Crise e sociedade

Docentes responsáveis: Néri de Barros Almeida (Unicamp) e Marcelo Cândido da Silva (USP)

Aulas: segundas-feiras das 10 às 12hs

EMENTA:

Nas últimas três décadas, os estudos medievais no Brasil atingiram um novo patamar de institucionalização. Foram criados grupos de estudo por todo o país, relações internacionais se tornaram mais diversificadas, frequentes e consistentes, as publicações na área aumentaram em quantidade e qualidade, as bibliotecas se tornaram mais aptas a dar suporte a pesquisas cada vez mais especializadas. No entanto, ainda resta uma importante fronteira a transpor: o fomento a pesquisas coletivas que coordenem toda a rica possibilidade de interlocução que se formou, em favor de temas específicos, bem recortados e aptos a estimular o diálogo social da área.

Procurando contribuir para o avanço nesse segmento, docentes responsáveis pela área de estudos de História Medieval da USP e Unicamp resolveram criar uma disciplina de pós graduação, chamada de *Seminário de Estudos Medievais*, a ser credenciada no Programa de Pós-Graduação em História Social da USP e no Programa de História da UNICAMP, com o objetivo de discutir diversos temas e/ou problemas históricos a partir de documentação específica, visando a produção de resultados coletivos e inovadores.

Em sua primeira edição, a realizar-se no primeiro semestre de 2016, o *Seminário de Estudos Medievais* abordará o tema “Crise e Sociedade”. O seminário terá dois módulos gerais: um teórico-metodológico de caráter interdisciplinar, no qual serão discutidos de forma sincrônica e diacrônica os instrumentos conceituais e metodológicos para o tratamento do tema; e outro, de discussão de dossiês documentais diversos adequados à sua abordagem, produzidos entre os séculos IV-XV, em todo o território europeu e na bacia do Mediterrâneo.

O estudo da “crise” voltou à ordem do dia entre os historiadores e é importante evocar as razões disso. A noção de crise passou a ser usada correntemente no período entre-guerras como sinônimo de decadência, até ceder lugar às noções de transformação, readequação, nas décadas que se seguiram à II Guerra Mundial, sob o impacto dos “30 gloriosos”, de um crescimento econômico e de um desenvolvimento social sem precedentes na história da Europa Ocidental. Tomemos um exemplo: a partir sobretudo dos anos 1960, a ideia de uma crise que teria posto fim ao Império Romano cedeu lugar à ideia de continuidade, de adaptação, de transformação do mundo romano. A iniciativa recente, aparentemente isolada e, para alguns, exótica, de Bryan Ward-Perkins, de retomar os temas da crise e da “decadência da civilização” romana, expressões “malditas” que tinham caído em desuso no seio da historiografia, é sintomática de uma mudança de tom e de fundo nas reflexões dos historiadores a respeito do mundo mediterrâneo nos séculos V e VI. O impacto da obra de Ward-Perkins é sintomática do

interesse atual, não apenas pela identificação de crises, mas também das reações que suscitaram na sociedades que as viveram. Na curta duração e na experiência social como um todo, devemos lembrar que a situação política, social e econômica na Europa e nos Estados Unidos se degrada de forma contínua desde 2008. A crise financeira derrubou taxas de crescimento e produziu índices de desemprego que a Europa não conhecia há décadas. Pela primeira vez desde o final da II Guerra Mundial, uma geração de jovens ingressando no mercado de trabalho não encontra condições melhores ou iguais às dos seus pais. Mais grave ainda, a pauperização das classes médias urbanas acentuou o fenômeno da dependência em relação aos auxílios governamentais e às associações caritativas. Na França, o roubo de gêneros alimentícios experimenta uma recrudescência importante ao longo dos últimos anos, fenômeno ligado à crise¹. A propósito dos Estados Unidos, em agosto de 2014, uma reportagem da National Geographic se perguntava: por que há pessoas mal-nutridas no país mais rico da Terra? O espectro da crise alimentar não é o apanágio dos países mais pobres.

A reconfiguração ideológica que se seguiu à Queda do Muro de Berlim, a crise da matriz energética energia baseada no carvão fóssil e o fracasso da intervenção política ocidental no Oriente Médio pulverizou nações e pactos importantes que traçavam as linhas de convivência entre povos de línguas e costumes diversos. O resultado é uma crise de migração sem precedentes e guerras complexas em um mesmo território (vide a atual interferência da Rússia no território sírio).

Outro fator recente de impacto crescente sobre a opinião comum, é a chamada “crise ambiental”. O aquecimento da atmosfera, cujos efeitos sobre territórios ribeirinhos e insulares e sobre o ciclo vegetativo do planeta apenas há pouquíssimo tempo foram reconhecidos pelas nações mais ricas e mesmo pela Organização das Nações Unidas, tende a preocupar cada vez mais. Os sentimentos gerados pela incerteza a respeito de nossa capacidade política e técnica de reverter as ameaças à continuidade da vida na terra disseminam um estado de crise que tende a se tornar crônico pelas próximas décadas. Enfrentar tais dificuldades exigirá uma reformulação de valores políticos e econômicos. Hoje, às portas da grande conferência de Paris sobre o clima, se discute o apoio financeiro maciço das nações industrializadas às regiões insulares e ribeirinhas. Essa transferência de recursos, se não se define como uma crise em si, aponta para a adaptação das populações a um modo de vida com recursos materiais redimensionados que caracterizam uma “situação de crise adaptativa”.

A dimensão desses eventos torna evidente a tendência à globalização das situações de crise que há três décadas consideraríamos locais. A história não pode evidentemente interferir no terreno da crise mas ela pode – como tem feito desde o surgimento da escrita histórica – identificar e reconsiderar seus elementos. Para o presente, tal clareza pode fazer a diferença entre uma boa ou uma péssima decisão política; no que se refere ao passado, cujas crises já foram resolvidas quer por meio da superação quer pela aniquilação e pelo desaparecimento, o estudo da crise pode trazer para o presente a experiência de outras formas de se viver material e subjetivamente em tempos de crise. No que se refere à pesquisa sistemática, o estudo de crises passadas permite, por meio da história comparativa, acertos conceituais e de perspectivas capitais para a criação de instrumentos para a observação dos fenômenos contemporâneos.

¹ <http://www.lefigaro.fr/societes/2014/01/08/20005-20140108ARTFIG00214-les-vols-de-produits-alimentaires-en-recrudescence.php> [texto consultado em 08/01/2014].

Ao longo do curso, os especialistas da Idade Média irão analisar dossiês específicos, com o objetivo de identificar elementos de crise (famélica, demográfica, ambiental, religiosa e bélica), bem como a percepção e a reação da sociedade diante desses fatos/fenômenos.

PROGRAMA:

1. Os historiadores e a crise;
2. Crise ambiental;
3. Economia e crise;
4. A arte diante da crise;
5. Crise humanitária e migrações;
6. Crise e epidemias;
7. Crise alimentar;
8. Crise e governança;
9. A escrita da crise: história e historiadores na Idade Média;
10. “Redes” e crise Europa medieval.

PLANO DE DESENVOLVIMENTO:

07 de março (9h00): Crise, fome e governança

Prof. Dr. Marcelo Cândido da Silva (Departamento de História-USP)

17, 18, 21, 22 e 23 de março (14h00): Crise e sociedade (França e Mediterrâneo)

Profa. Dra. Christine Veauvy (Maison des Sciences de l’Homme/CNRS)

28 de março (9h00): Crise e pobreza no período carolíngio

Thiago Juarez Ribeiro (LEME-UNICAMP/Université Libre de Bruxelles)

04 de abril (9h00): Discursos anti-heréticos e crise no século XII

Rita Dethloff (LEME-UNICAMP)

11 de abril (9h00): Crises ambientais entre a Idade Média e o mundo contemporâneo

Prof. Dr. Luiz Marques (Departamento de História-UNICAMP)

18 de abril (9h00): Os godos na Aquitânia e a “crise” do Império Ocidental

Dra. Verônica da Costa Silveira (LEME-USP/Università di Padova)

25 de abril (9h00): Crise e escrita da História no Ano Mil

Bruna Bengozi (LEME-USP)

02 de mai (9h00): As crises do mundo imanente na *Crônica dos tempos passados* (séculos XI-XII)

Fabrício de Paula Gomes Moreira (LEME-UNICAMP)

09 de maio (9h00): Guerra e crise na *Chanson de La Croisade Albigeoise*

Philipe Rosa de Lima (LEME-UNICAMP)

16 de maio (9h00): A Arte diante da Crise

Profa. Dra. Flávia Galli Tatsch (Departamento de História da Arte-UNIFESP)

23 de maio (9h00): Origens medievais do crescimento econômico sustentado

Prof. Dr. Ademar Romeiro (Departamento de Economia-UNICAMP)

30 de maio (9h00): “Heresia escolástica” e crise da Igreja no século XII

Rafael Bosch (LEME-UNICAMP)

06 de junho (9h00): Crise dos sistemas palaciano: possibilidades e limites interpretativos

Prof. Dr. Marcelo Rede (Departamento de História-USP)

13 de junho (9h00): A escrita da crise na *Historia Pontificalis* de João de Salisbury

Maria Eduarda Capellini (LEME-UNICAMP)

20 de junho (9h00): A crise da primeira *fitna* segundo a *História* de al-Tabari

Michele Rosado (LEME-UNICAMP)

27 de junho (9h00): Heresia(s) e crise(s)

Profa. Dra. Néri de Barros Almeida (Departamento de História-UNICAMP)

Considerações finais

Profa. Dra. Néri de Barros Almeida

Prof. Dr. Marcelo Cândido da Silva

BIBLIOGRAFIA:

M. Barceló, F. Sigaut (ed.), *The Making of Feudal Agricultures?* Leiden/Boston, Brill, 2004.

G. Bois, *Sur les crises économiques médiévales*, *Acta Historica et Archaeologica Mediaevalia*, 16-17, 1995-1996, p. 61-69.

M. Bourin, S. Carocci, F. Menant, L. To Figueras, *Les campagnes de la méditerranée occidentale autour de 1300: tensions destructrices, tensions novatrices*, *Annales HSS*, juillet-septembre 2011, n° 3, pp. 663-704.

M. Bourin, J. Drendel, F. Menant (dir.), *Les Disettes dans la conjoncture de 1300 en Méditerranée occidentale, actes du colloque de Rome (27-28 février 2004)*, Roma, École Française de Rome, 2012.

S. Brunel, *Famines et politique*, Paris, Presses de Sciences Po, 2002.

Buenger Robert, *Twelfth-Century Italian Prices. Food and Clothing in Pisa and Venice*, *Social Science History*, 7/4, 1983, p. 381-403.

J.-P. Devroey, *Puissants et misérables. Système social et monde paysan dans l'Europe des Francs, VIe-IXe siècles*, Bruxelles, Académie Royale de Belgique, 2006.

J.-P. Devroey, *The economy*. In: R. McKitterick, *The Early Middle Ages*, Oxford, Oxford University Press, 2001, pp. 97-129.

J.-P. Devroey, L. Feller, R. Le Jan (dir.), *Les élites et la richesse au haut Moyen Âge*, Turnholt, Brepols, 2010.

G. Duby, *L'économie rurale et la vie des campagnes dans l'Occident médiéval: France, Angleterre, Empire, IXe-XVe siècles*, Paris, 1962, 2 vols.

J. Edkins, *Whose Hunger? Concepts of Famine, Practices of Aid*, Minneapolis-Londres, University of Minnesota Press, 2000.

L. Feller, *Sur la formation des prix dans l'économie du haut Moyen Âge*, *Annales HSS*, 2011, n. 3, p. 627-661.

R. Fossier. *Les tendances de l'économie: stagnation ou croissance?*. In: *Nascità dell'Europa ed Europa Carolingia*, *Settimane di Studio del Centro Italiano di Studi sull'Alto Medioevo*, 27, Spoleto, 1981, p. 261-274.

J. Glénisson, *Une administration médiévale aux prises avec la disette. La question des blés dans les provinces italiennes de l'État pontifical en 1374-1375*, *Le Moyen Âge*, 1951, p. 303-326.

C. O. Grada, *Famine. A Short History*, New Jersey, Princeton university Press, 2009.

W. C. Jordan, *The Great Famine: Northern Europe in the Early Fourteenth Century*, Princeton, Princeton University Press, 1996.

M. Montanari, *Valeurs, symboles, messages alimentaires durant le haut Moyen Âge*, *Médiévales*, n. 5 (1983), p. 57-66.

M. Montanari, *La faim et l'abondance. Histoire de l'alimentation en Europe*, Paris, Seuil, 1995.

E. Le Roy Ladurie, *Histoire humaine et comparée du climat. Canicules et glaciers, XIIIe-XVIIIe siècles*, Paris, 2004.

E. Perroy, *À l'origine d'une économie contractée: les crises du XIVe siècle*, *Annales E.S.C.*, IV, 1, 1949, p. 167-182.

S. Reynolds, *Fiefs and Vassals. The Medieval Evidence reinterpreted*, Oxford, Oxford University Press, 1994.

V. Rouchon Mouilleron, *Miracle et charité : autour d'une image du Livre du Biadaiolo* (Florence, Bibliothèque Laurentienne, ms. tempi 3), *Revue Mabillon*, t. XIX, 2008, pp. 157-189.

A. Sen, *Poverty and Famines. An Essay on Entitlement and Deprivation*, Oxford, Oxford University Press, 1981.

G. Todeschini, *Il pezzo della salvezza. Lessici medievali del pensiero economico*, Roma, La Nuova Italia Scientifica, 1994.

P. Toubert, *L'Europe dans sa première croissance. De Charlemagne à l'an mil*, Paris, Fayard, 2004.

C. Troubé, *Les Nouvelles Famines. Des catastrophes pas si naturelles*, Paris, Autrement, 2007.

A. Verhulst, *The Carolingian Economy*, Cambridge, Cambridge University Press, 2002.

C. Wickham, *Framing the early Middle Ages: Europe and the Mediterranean, 400-800*, Oxford, Oxford University Press, 2005.